

Superlotação causa morte de bebês no Ceará

Chefe do Centro de Neonatologia do Hospital Geral de Fortaleza, Tereza Lucia Maia, denuncia a falta de condições para os médicos atenderem os pacientes

RODOLFO SPÍNOLA
Especial para o Estado

FORTALEZA — Dez bebês morreram nos últimos 25 dias no Centro de Neonatologia do Hospital Geral de Fortaleza (HGF) em consequência da superlotação, segundo a médica Tereza Lúcia Maia. Se o governo do Estado não adotar providências urgentes “novas mortes seguramente vão ocorrer, quase na mesma velocidade daquelas que ocorreram em novembro na Maternidade-Escola Assis Chateaubriand”, disse Tereza, que é chefe do Centro de Neonatologia do HGF. Naquele episódio, foram registradas 66 mortes de bebês.

“Estamos sem as mínimas condições para atender as pacientes que chegam aqui quase a todo instante para dar à luz”, afirmou a médica.

No setor de Obstetrícia do HGF faltam médicos, medicamentos, equipamentos, pessoal de apoio e até material de higiene e limpe-

za, disse a médica. “Estamos com mães no pré-parto deitadas em colchões espalhados pelo chão, correndo sérios riscos de infecção, por absoluta falta de condições de atendimento.”

Essa situação é consequência das medidas restritivas de atendimento na Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, afirmou a médica. O HGF dispõe de 14 leitos para recém-nascidos, divididos entre UTI, sala de prematuros e leitos de médio risco. A UTI, por exemplo, com capacidade para acomodar quatro bebês, permaneceu, durante este mês “com no mínimo seis crianças”. As salas de médio

risco e de prematuros, com capacidade de cinco leitos cada uma, abrigam de oito a dez bebês, respectivamente.

Temor — Para o diretor do HGF, médico Sílvio Furtado, “a situação é aflitiva porque, com as restrições impostas para internamento de risco, muitas mães estão se deslocando para a nossa



Criança recebe remédio no Hospital Geral de Fortaleza: para médica, “novas mortes vão ocorrer”

unidade de obstetrícia”. Para a médica Dilma Veras, que estava ontem respondendo pela chefia do Centro de Neonatologia, no turno da tarde, “nosso maior temor, numa situação dessas, é com a perspectiva de um surto infeccioso”.

Segundo a médica, “não pode-

mos aceitar a superlotação, pois prevemos a morte de mais bebês por falta de condições”. Ela disse que “muitas mães em trabalho de parto ficam rodando em todos os hospitais públicos em busca de atendimento médico e chegam no hospital nas últimas, quando até por questões humanitárias

somos forçados a admiti-las”.

A enfermeira Marta Girão, responsável pelo serviço de enfermagem do berçário do Centro de Neonatologia, explicou que na UTI, praticamente não há espaço para trabalhar e, para enfrentar a atual situação, foi preciso eliminar um leito para uma maior

movimentação da equipe.

Ontem, no Centro de Neonatologia do HGF, o quadro era dramático: duas pacientes estavam se contorcendo de dores, depois do parto, em colchões espalhados pelo chão. Maria Gerlene de Souza, de 16 anos, era uma delas. Logo após o parto, ela foi obrigada a ficar deitada em um colchão no chão por quase 12 horas, enquanto seu filho, que tinha nascido com menos de 1 quilo, recebia um tratamento de urgência na UTI. Nessas condições, “o risco de uma infecção é muito grande”, admitiu a médica responsável pelo centro.

As estatísticas, principalmente a deste mês, já começam a preocupar, disse Dilma. “Em novembro, fizemos 155 partos, dos quais 39 bebês ficaram internados, com apenas três óbitos.” Em dezembro, o quadro mudou: de 1º a 25 deste mês, foram feitos 141 partos, com 42 internações e 10 óbitos”. Isso representa a elevação da taxa de letalidade para 25,71%, ante apenas 7,69% registrados em novembro, completou a médica.

Para o secretário de Saúde do Estado, Anastácio Queiroz de Souza, “os hospitais que têm convenio com o SUS, que dispuseram de leitos para atendimento de parturientes de médio risco, não cumpriram o acordo estabelecido depois da crise na Maternidade Assis Chateaubriand”.

José Leomar/O Povo